

Iraque 2003, Alemanha 1945 e França 1940: Êxito e Fracasso nas Ocupações Militares

Cora Sol Goldstein, Ph.D.

A GUERRA DO IRAQUE colocou o tema das ocupações militares no primeiro plano na política externa dos EUA. Pela primeira vez desde 1945, os Estados Unidos se engajaram em uma completa ocupação militar para promover a democratização pela força. As principais personalidades do governo Bush, aí incluídos Condoleezza Rice, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz, traçaram um paralelo entre a atual ocupação estadunidense do Iraque e a ocupação americana da Alemanha, o paradigma estadunidense de um bem-sucedido caso de mudança radical de regime. Nas duas situações, os Estados Unidos traçaram objetivos semelhantes: a remoção pela força de um regime autoritário, criminoso e antagônico e sua substituição por um governo democrático e amistoso capaz de aderir aos princípios da democracia liberal e do capitalismo. Muitas das políticas implantadas no Iraque por Paul Bremer III, o Chefe da Autoridade Provisória da Coalizão (*Coalition Provisional Authority — CPA*), foram supostamente baseadas na ocupação estadunidense da Alemanha.

Mesmo assim, diferenças entre a Alemanha de 1945 e o Iraque de 2003 fizeram da ocupação americana daquele país um modelo implausível. Os níveis de destruição e caos não são comparáveis. No final da Segunda Guerra Mundial, 3,5 milhões de combatentes alemães e 2 milhões de civis haviam sido mortos — cerca de 7% de toda a população do país. A guerra tinha reduzido a maioria das cidades alemãs a escombros; a derrubada do partido nazista e a eliminação de seus líderes haviam deixado um vácuo político e ideológico. Antes do final da guerra, os Aliados tinham aniquilado a



(Arquivo Federal Alemão)

Adolf Hitler e seu séquito depois de uma visita à Torre Eiffel, Jun 1940.

Wehrmacht, a *Waffen SS* e a *Gestapo* e destruído a vontade alemã de lutar. As Forças de ocupação estadunidenses não enfrentaram uma resistência armada ativa. Como resultado, os níveis das tropas americanas na Alemanha diminuíram com o passar do tempo. Em 1945, havia 1,6 milhão de soldados estadunidenses na Alemanha ocupada. No final de 1946, havia apenas 200 mil¹. Mesmo depois das dificuldades da Guerra do Golfo de

Cora Sol Goldstein é professora adjunta de Ciência Política, na California State University, Long Beach. Recebeu seu Ph.D. pelo Departamento de Ciência Política da University of Chicago. Seu livro, Capturing the German Eye: American

Visual Propaganda in Occupied Germany (Chicago: University of Chicago Press, 2009), enfoca a experiência dos EUA na Alemanha pós-guerra.

1991, das sanções contra o regime de Saddam Hussein, e da guerra de 2003, a situação no Iraque nem chegou perto da crise humanitária que consumiu a Alemanha em 1945. A Operação *Iraqi Freedom* causou mínimas baixas militares e civis e pouca destruição urbana — menos de 6 mil soldados iraquianos foram mortos².

Além disso, a derrubada do regime de Saddam Hussein liberou os xiitas e os curdos dos grilhões do domínio sunita, e isso resultou em retaliações violentas e em confrontos tribais. Os norte-americanos nunca tiveram de enfrentar esse problema na Alemanha. É verdade que os regimes pré-ocupação na Alemanha e no Iraque haviam adotado princípios ultranacionalistas, mas, neste último, divisões religiosas, políticas e étnicas fragmentaram o país. Hitler tentou convencer os alemães da unidade do *volk*, e baseou sua agenda nacionalista na exclusão das minorias indesejadas e na tentativa simultânea de fortalecer a identidade coletiva alemã. A propaganda nazista, o Holocausto, a guerra, a derrota e a ocupação militar cimentaram a percepção da unidade nacional. Saddam Hussein, por outro lado, não teve sucesso na homogeneização do país, e o nacionalismo iraquiano não foi suficiente para unir xiitas, sunitas e curdos sob uma única comunidade como imaginado. Mesmo o antissemitismo e o antiamericanismo acabaram provando não serem forças de unificação suficientemente poderosas para superar as diferenças religiosas, étnicas e políticas do Iraque de hoje.

O objetivo final é a conversão do ex-inimigo em aliado, algo que os Estados Unidos não conseguiram realizar no Iraque.

No entanto, outro acontecimento foi até mais significativo do que o anteriormente mencionado. O governo Bush não se lembrou de uma lição importante da ocupação estadunidense da Alemanha: para que uma ocupação militar

destinada a promover uma mudança de regime radical tenha êxito, os responsáveis por ela devem possuir um entendimento preciso da situação política no país ocupado, de modo a desenvolver sua agenda sem provocar o antagonismo da população. A potência ocupante deve ser capaz de navegar pelas águas políticas com cuidado e de angariar o apoio da população ocupada. O objetivo final é a conversão do ex-inimigo em aliado, algo que os Estados Unidos não conseguiram realizar no Iraque.

A agenda estadunidense inicial foi punitiva, inflexível e severa.

Alemanha 1945

Planejar o que fazer com a Alemanha após a derrubada do Terceiro *Reich* provou ser algo difícil e contencioso. O Departamento de Guerra, sob o Secretário Henry Stimson, e o Departamento de Estado, sob o Secretário Cordell Hull, optaram por uma “paz branda”. Priorizaram a reconstrução da economia alemã, recomendaram que a Alemanha pagasse reparações de guerra moderadas e agiram em prol da unidade política interna. Em 1944, Henry Morgenthau Jr., Secretário do Tesouro americano, envolveu-se nos debates sobre o futuro da Alemanha pós-guerra. Ele rejeitou os planos dos Departamentos de Guerra e de Estado e defendeu a “paz dura”. Ele acreditava que, para garantir uma paz duradoura, era essencial destruir a indústria pesada e que “o caminho para a paz da Alemanha conduz[ia] à fazenda”. Além disso, considerava a “desnazificação” um projeto de longo alcance, e que, para superar a ideologia nazista, uma geração inteira de alemães teria de ser educada em um novo ambiente político. A tensão entre as duas abordagens não foi totalmente reconciliada antes da ocupação³.

A agenda estadunidense inicial foi punitiva, inflexível e severa. Durante a guerra, a propaganda americana havia insistido que as semelhanças entre americanos e alemães eram apenas superficiais, e que elas ocultavam diferenças morais irreconciliáveis. Em dezembro de 1944, o Gabinete de Informação de Guerra (*Office of*



Cortesia do National Archives, foto no. 111-SC-201973, (Sgt. William Spangle)

Soldados e equipamentos do Exército dos EUA atravessam a Ponte Remagen, Alemanha, 11 Mar 45.

War Information) — o diretório estadunidense de propaganda estratégica durante a Segunda Guerra Mundial — insistia que a tarefa principal da ocupação norte-americana era fazer com que os alemães reconhecessem sua culpa. A Diretriz nº 1067 da Junta de Chefes de Estado-Maior (*Joint Chiefs of Staff Directorate 1067*), primeira diretriz que influenciou a política americana na Alemanha de 1945, rejeitou explicitamente a ideia de que os Estados Unidos estavam libertando uma população subjugada por uma ditadura. A diretriz reafirmou que “[a Alemanha] não será ocupada com o objetivo de libertação, mas como uma nação inimiga derrotada”⁴. Em março e abril de 1945, quando as tropas dos EUA descobriram os campos de concentração espalhados por toda a Alemanha e libertaram os detidos, o Exército norte-americano forçou os alemães a verem as atrocidades nazistas. As Forças militares dos EUA organizaram a política de confronto, levando civis

alemães aos locais de assassinato, de trabalho escravo e de tortura, expondo-os, assim, às evidências da criminalidade nazista.

Mesmo assim, o Gabinete do Governo Militar norte-americano na Alemanha (*Office of Military Government*) adaptou suas políticas às circunstâncias locais. As autoridades de ocupação estadunidenses perceberam rapidamente que a agenda punitiva provocava o antagonismo da população e corria o risco de tornar os alemães mais suscetíveis à propaganda soviética. A política de confronto durou pouco tempo — terminou antes do Dia da Vitória na Europa. O Gabinete do Governo Militar também revisou sua agenda de culpa coletiva, sua política de não confraternização e a maneira com que levou a cabo a “desnazificação”. Motivado pelos sucessos iniciais da política cultural soviética na Alemanha ocupada, o Gabinete do Governo Militar engajou-se na guerra cultural e de propaganda.

Com a chegada da Guerra Fria, os limites da tolerância estadunidense foram redefinidos e a propaganda e a censura estratégicas dos EUA se tornaram concentradas no anticomunismo. Em 1947, o objetivo americano já não era a punição da Alemanha, mas em vez disso, a transformação do ex-inimigo em aliado. Em 1948, a reforma monetária colocou a Alemanha Ocidental no rumo da recuperação econômica.

Iraque 2003

Em 2003, as Forças da coalizão mais criaram do que resolveram problemas. A *blitzkrieg* militar não se apossou dos arsenais de armas convencionais do Iraque, e os insurgentes obtiveram armas e munições. A partir desse momento, a segurança no Iraque ficou comprometida. Sem segurança, a reconstrução e o desenvolvimento econômico permaneceram praticamente impossíveis. Essa experiência contrasta nitidamente com a eficácia com a qual as Forças de ocupação aliadas desarmaram a Alemanha, onde a ausência de uma insurgência permitiu que o governo militar dos EUA comesçasse a reconstruir o setor americano em 1945.

Igualmente importante, a política rígida de “desbaathização” da Autoridade Provisória da Coalizão foi um desastre político. Em maio de 2003, Bremer banuiu o Partido Baath, afastou todos os baathistas graduados do governo e dissolveu as Forças Armadas — com seus 500 mil integrantes — e os serviços de Inteligência do Iraque. Demitiu os oficiais militares com postos acima de coronel e todos os 100 mil integrantes dos variados serviços de Inteligência. A desintegração do Exército iraquiano e dos serviços de segurança produziu desemprego generalizado e gerou descontentamento, hostilidade e resistência. Com a demissão desses oficiais sunitas, os xiitas passaram a dominar as novas Forças de segurança iraquianas. Na verdade, o novo sistema de segurança era um “esquadrão da morte” xiita mal disfarçado⁵. Em abril de 2004, os americanos mudaram sua estratégia e tentaram reincorporar alguns dos ex-baathistas mais graduados nas Forças de segurança. Mesmo assim, a minoria sunita deslocada tornou-se o núcleo da insurgência⁶. Além disso, a “desbaathização” atrapalhou as capacidades contrainsurgentes



Sgt. Andy Dunaway, Força Aérea dos EUA.

A agente de direitos humanos da Autoridade Provisória da Coalizão, Sandy Hodgkinson, dá um briefing ao Secretário de Defesa no local da vala comum de Mahawil, 6 Set 03.

Sgt. Jeffrey A. Wolfe, Exército dos EUA.



Soldados da 173ª Brigada Aeroterrestre dos EUA capturam um suposto fabricante de bombas do Partido Baath nos arredores de Al Hawijah como parte da Operação Bayonet Lightning durante a Operação Iraqi Freedom.

dos EUA. Sem a colaboração do Exército e dos serviços de segurança iraquianos, as Forças da coalizão atuavam praticamente às cegas, e a insurgência eclodiu.

A Autoridade Provisória da Coalizão não foi capaz de mudar a estrutura básica da economia do Iraque, e não pôde cumprir um requisito básico de uma mudança de regime bem-sucedida: a criação de empregos em grande escala. O subemprego e o desemprego assolaram o Iraque de Saddam Hussein, como ocorrera em outras economias baseadas no petróleo. Em 2003, 28% da força de trabalho estava inativa e as mulheres (52% da população do Iraque) compunham apenas 23% da força de trabalho formal. O desemprego e o subemprego não mudaram significativamente entre 2003 a 2008. Em 2007, 57% dos iraquianos entre 18 e 24 anos de idade — os potenciais recrutas dos movimentos insurgentes — estavam desempregados. Em 2008, o desemprego ainda afetava principalmente os homens mais jovens e as mulheres sem estudo⁷.

O atoleiro político e humanitário no Iraque foi resultado da ocupação, não um produto da guerra de 2003. A luta contra os insurgentes resultou na destruição de cidades inteiras, como evidenciado pelo destino de Fallujah. A ocupação do Iraque e a subsequente tentativa de pacificar o país também ocasionaram uma grande crise na saúde, acompanhada por um aumento drástico

de casos de subnutrição e mortalidade infantis. Muitos fatores contribuíram para essa catástrofe, incluindo o êxodo de profissionais de saúde, o colapso do sistema sanitário, a falta de eletricidade e de água potável e a destruição de moradias. O governo militar dos EUA resolveu os problemas na Alemanha, mas a Autoridade Provisória da Coalizão os criou no Iraque. Esta foi incapaz de prover a segurança necessária para tornar possível a reconstrução do país e para fomentar a colaboração efetiva entre os iraquianos e as Forças da coalizão.

O governo militar dos EUA resolveu os problemas na Alemanha, mas a Autoridade Provisória da Coalizão os criou no Iraque.

França 1940

A Autoridade Provisória da Coalizão tentou aplicar a experiência estadunidense da ocupação da Alemanha no Iraque de 2003, mas o contexto exigia algo diferente. Paradoxalmente, há alguns pontos interessantes em comum entre a situação

no Iraque em 2003 e na França em 1940. Os dois países estavam ocupados depois de uma breve guerra que não danificou sua infraestrutura e não afetou a população civil em grande escala. Seus exércitos foram derrotados, mas certamente não foram aniquilados. Além disso, velhos antagonismos religiosos, regionais e ideológicos dividiam os dois países⁸. A ocupação alemã da França pode ter proporcionado alguns indicativos de como abordar a ocupação estadunidense do Iraque.

Os nazistas exploraram as divisões existentes na sociedade francesa para estruturar seu controle e limitar o emprego da força. Aproveitaram as profundas tendências antissemitas e antirrepublicanas que permeavam a sociedade francesa e as utilizaram para angariar apoio e criar conformidade com as políticas nazistas. Os alemães dividiram a França em duas zonas e maximizaram o envolvimento francês na administração do “dia-a-dia” do país. Em vez de antagonizar os franceses, os nazistas tentaram ganhar sua colaboração. De 1940 a 1942, as autoridades não tiveram de enfrentar nenhuma

Aproveitaram as profundas tendências antissemitas e antirrepublicanas que permeavam a sociedade francesa e as utilizaram para angariar apoio e criar conformidade com as políticas nazistas.

insurgência em grande escala, e a repressão alemã foi mais ou menos moderada; exceto, claro, pela perseguição aos judeus⁹. Os dois anos de ocupação da França foram um sucesso para a Alemanha.

Na época da “Estranha Derrota” — a invasão nazista da França em 1940 — a França estava muito dividida politicamente, polarizada entre a direita e a esquerda. A direita francesa

era católica, antissemita, fanaticamente anticomunista e antissocialista. Tinha uma longa história de queixas contra a República, datando desde os tempos da Revolução Francesa até atingir seu ponto máximo no caso Dreyfus. A direita estava ávida por abolir a democracia parlamentar liberal e substituí-la por um Estado forte baseado na obediência, na disciplina e no respeito à autoridade. A esquerda francesa era a minoria — um grupo heterogêneo de comunistas, socialistas, anarquistas, republicanos e democratas liberais. Em 1936, os franceses elegeram, para o cargo de Primeiro-Ministro, Leon Blum, um judeu socialista, líder da Frente Popular, uma coalizão entre a esquerda, os sindicatos e o centro republicano. No entanto, em 1937 o governo da Frente Popular estava à beira de colapso.

A derrota militar francesa ofereceu à maioria antirrepublicana a oportunidade de imaginar um país radicalmente novo, livre dos grillhões da democracia parlamentar. Depois da derrota do Exército francês pelos nazistas, a maioria do parlamento francês deu poder político completo ao Marechal Philippe Pétain, o herói católico reacionário de Verdun. Os alemães aboliram o parlamento francês, eliminaram os partidos políticos e acabaram com aquilo que a direita francesa considerava ser a corrupção moral da democracia. A direita francesa acolheu os nazistas, e muitos políticos franceses se mostraram ansiosos para colaborar com os alemães de modo a reconduzir a França à sua “grandeza”.

A *Wehrmacht* ocupou Paris e as regiões norte e oeste da França e deixou o sul nas mãos de Pétain, que estabeleceu o regime pró-Nazista em Vichy. Para os alemães, o controle de Paris tinha significado simbólico — era a joia da Europa. O restante da zona ocupada era chave porque incluía 67% da população francesa, 66% da terra cultivada, 75% da indústria e a maior parte do capital financeiro. Além disso, o sentimento antirrepublicano estava arraigado na área, tornando-a receptiva ao controle alemão. Em Vichy, Pétain liderou um regime paternalista, autocrático e de direita, que foi controlado por uma burocracia moderna e tecnicamente eficiente. O governo Vichy foi rápido em reformar o Estado francês, criando um modelo econômico baseado no sistema



Cortesia do National Archives, foto 242-EB-7-35.

Um francês chora enquanto soldados alemães adentram Paris marchando, 14 Jun 40.

corporativo, estreitamente integrado com a economia alemã. Teoricamente, toda a França estava sob a administração de Vichy, mas, na prática, os alemães eram os árbitros e os decisores supremos.

A zona de ocupação alemã, que incluía o núcleo dos poderes econômico, industrial, financeiro e intelectual franceses, foi submetida a um sistema de domínio indireto. O “rei” Otto Abetz – o Embaixador alemão na França – adotou as ideias de Werner Best, um intelectual da SS. Best desenvolveu o conceito de “administração supervisora” para governar os países da Europa Ocidental ocupados pela *Wehrmacht*. Segundo Best, a supervisão do funcionamento de um obediente Estado francês lograria manter uma ocupação pacífica ao mesmo tempo em que reduziria o estresse psicológico dos ocupados. Os nazistas conseguiram isso criando uma sensação de normalidade. Eles normalmente

não se intrometiam nos assuntos do dia-a-dia da burguesia. Em geral, deixaram intactos a burocracia, a polícia e os serviços de Inteligência franceses, contanto que os franceses seguissem as diretrizes alemãs.

Os alemães supervisionaram uma rígida política antissemita, tanto nas zonas ocupadas como em Vichy. Proibiram que os judeus participassem da sociedade francesa, expropriaram sistematicamente seus bens e planejaram a deportação de judeus franceses e dos que moravam no país. A população francesa aceitou essas políticas. Até mesmo alguns judeus franceses aceitavam as ideias de expulsão dos judeus não assimilados (estrangeiros) da França¹⁰. Os alemães deixaram a burocracia, a polícia e os serviços de segurança franceses desempenhar a tarefa de recolher judeus (nativos e expatriados), comunistas e ativistas antialemães. A polícia



Departamento de Defesa, Sgt. Andy Dunaway, Força Aérea dos EUA.

Sargento da 82ª Divisão Aeroterrestre faz um briefing ao Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld (2º à esquerda), sobre o treinamento do Corpo de Defesa Civil iraquiano em Bagdá, no Iraque, 6 Dez 03.

francesa, seguindo diretrizes alemãs, esteve envolvida na grande repressão de Marselha e na destruição do *Vieux-Port*.

Na área cultural, os nazistas concederam alguma liberdade aos artistas e intelectuais franceses que se mostrassem submissos. Os alemães, obviamente, não toleravam críticas ao Terceiro *Reich* e aos seus líderes e excluíram os judeus, os marxistas de todos os tipos e os maçons da vida cultural francesa. Ainda, os alemães motivaram intelectuais franceses a participar na construção cultural de uma nova Europa liderada pelo Terceiro *Reich*. A propaganda enfatizava a amizade franco-alemã e insistia que o regime nazista asseguraria o desenvolvimento da cultura francesa. Administradores militares alemães se dedicavam ativamente a organizar exposições de arte, concertos e conferências com intelectuais alemães proeminentes e promoviam a vida cultural francesa. Portanto, mesmo em meio à privação e à ansiedade, a Paris ocupada era um centro intelectual próspero onde floresciam a publicação de livros, o teatro, o cinema e a moda.

Os dois anos de domínio alemão indireto sob o governo Vichy – e sob a ostensiva ocupação militar – sugerem que os estrategistas alemães compreendiam a situação política do país. Isso lhes permitiu tirar proveito dos três padrões ideológicos existentes na sociedade francesa: o antisemitismo, o antirrepublicanismo e o antiliberalismo. Os alemães também respeitaram o nacionalismo do país, contanto que isso lhes ajudasse a cumprir a agenda nazista na Europa e nas colônias francesas na África. Acima de tudo, os nazistas conseguiam recrutar a burocracia, a polícia e os serviços de segurança franceses para impor a lei e a ordem, reduzindo, assim, a necessidade de tropas de ocupação alemãs na França¹¹.

Lições a serem Aprendidas da França de 1940 e da Alemanha de 1945

Ocupações com vistas à mudança de regime são guerras culturais e políticas. A ideologia dos ocupantes torna-se irrelevante ante o fato de que, para se alcançar o sucesso, será

necessário conquistar os corações e as mentes das populações ocupadas. Os ocupantes devem prover segurança no pós-guerra e precisam convencer a população de que a ocupação lhes proporcionará um futuro melhor. Em resumo, os ocupantes devem ganhar uma batalha de percepção. Além disso, os ocupantes devem ser seletivos na escolha dos inimigos, porque não podem antagonizar todas as seções da população ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Por último, os ocupantes devem utilizar o sistema de segurança nativo para promover sua agenda.

O governo Bush não entendeu corretamente o ambiente político do Iraque, tampouco julgou com precisão a capacidade estadunidense de ocupar um país no Oriente Médio. Ganhar uma guerra contra um inimigo fraco é uma coisa; outra é estabelecer um governo militar visando à mudança de regime. O Pentágono e o Departamento de Estado tinham expectativas erradas em relação ao Iraque. Acreditavam que os iraquianos iriam acolher as tropas da coalizão como seus libertadores e que buscariam imitar o modelo estadunidense de sociedade. Devido a essas suposições equivocadas, os planejadores estratégicos estadunidenses formularam um cenário em que a democratização do Iraque ocorreria espontaneamente. Com a remoção de Saddam Hussein, segundo suas previsões, os iraquianos adotariam a democracia liberal automaticamente. Os norte-americanos não perceberam que seria necessário um grande esforço político para convencer a sociedade iraquiana que os Estados Unidos não agiam exclusivamente segundo seus interesses, que o modelo estadunidense era desejável e exequível e que valeria a pena lutar por sua implantação.

O Pentágono e o Departamento de Estado deixaram de recrutar aliados potenciais — os baathistas, os remanescentes da esquerda, o Exército e os serviços de segurança iraquianos. A sobrevivência desses setores dependia da contenção do fundamentalismo islâmico, tanto xiita como sunita. Deveria ter sido percebido que seria impossível conciliar o objetivo de democracia com a existência de uma facção majoritária antidemocrática, determinada a estabelecer um Estado teocrático. Se os

planejadores tivessem considerado o fato de que o Iraque era um país profundamente dividido pelas animosidades entre os setores da sociedade, poderiam ter planejado uma estratégia de ocupação que explorasse as fraturas sociais existentes que separavam os xiitas teocratas fundamentalistas, os sunitas baathistas e os curdos. Isso poderia ter levado à divisão do Iraque e à possibilidade de sucesso. Os Estados Unidos deveriam ter concentrado seus esforços de democratização no centro/norte do Iraque e deixado o sul nas mãos da maioria teocrática.

Podemos visualizar este cenário hipotético:

- A divisão do Iraque ao longo de linhas geográficas, políticas e religiosas, em duas zonas — o sul, principalmente xiita, e o centro/norte, sunita e curdo, em sua maior parte.

- A separação de Bagdá em dois setores, um xiita e outro sunita.

- A concentração dos esforços políticos, econômicos e financeiros da coalizão na zona centro/norte e no setor sunita de Bagdá. O centro/norte é rico em petróleo e possui uma forte influência secular. Portanto, é potencialmente receptivo à democratização e à modernização. A experiência muito bem-sucedida do governo militar norte-americano na Alemanha teria sido

Ganhar uma guerra contra um inimigo fraco é uma coisa, outra é estabelecer um governo militar visando à mudança de regime.

inestimável na transformação da zona centro/norte e do setor sunita de Bagdá.

- Um programa de “desbaathização” bem limitado, restrito aos escalões superiores do regime de Saddam Hussein envolvidos no planejamento e na execução das campanhas de genocídio contra os xiitas e os curdos.

- A supressão dos insurgentes na zona centro/norte pelas Forças Armadas, pelos serviços de segurança e pela polícia iraquianos, supervisionados por pessoal da coalizão.

- A concentração das Forças de coalizão na fronteira Irã-Iraque para fechá-la, de modo a impedir a infiltração de armas, dinheiro e pessoal iraniano para o Iraque.
- O surgimento de uma autocracia teocrática no sul.

Conclusão

A democratização pela força só pode ter êxito se a Força de ocupação for capaz de angariar a colaboração da população ocupada. Na França de 1940, os nazistas conseguiram realizar uma ocupação bem-sucedida porque dependiam da maioria antidemocrática e antissemita francesa. Nesse caso, a colaboração surgiu do medo e da afinidade ideológica. Na Alemanha de 1945, os Estados Unidos foram capazes de explorar a destruição física e psicológica do país e o medo da população alemã com relação aos soviéticos. Muitos elementos contribuíram ao pró-americanismo da Alemanha Ocidental no pós-guerra imediato. Os Estados Unidos garantiram a segurança e a ordem, enquanto estimularam a reconstrução econômica e social. Os norte-americanos não apenas forneceram muitos bens de consumo, mas também conseguiram transmitir um sentimento de parceria à população da Alemanha Ocidental, bem evidenciado pelo transporte aéreo de Berlim. Apesar de todas as dificuldades, a vida no setor americano parecia uma alternativa melhor do que a aridez do setor soviético. É claro que não havia fundamentalismo religioso

a superar na Alemanha; sua população era altamente escolarizada e secular e estava ansiosa por participar na construção de uma Europa Ocidental próspera e democrática, alinhada com os Estados Unidos. Embora os alemães não tivessem abandonado sua identificação com o nazismo em 1945, a realidade imposta pela derrota incondicional e a presença esmagadora das tropas aliadas tornaram uma possível resistência algo praticamente impossível.

No Iraque de 2003, os Estados Unidos enfrentaram um desafio muito difícil, porque a guerra não havia destruído o país e a eliminação do regime de Saddam Hussein permitiu que o Iraque fosse dividido em três grupos populacionais rivais, com agendas incompatíveis. Nesse contexto político, os Estados Unidos deveriam ter garantido a colaboração das minorias sunita e curda, ajudando-os a construir uma democracia liberal exemplar no Oriente Médio, deixando os xiitas com sua porção territorial, enquanto empregavam meios militares para efetivamente impedir qualquer ligação entre o setor xiita e o Irã. A divisão do Iraque e de Bagdá teria permitido aos Estados Unidos repetir o que realizaram na Alemanha do pós-guerra com grande sucesso: ofuscar o adversário. Nenhum regime xiita inspirado no Irã dos aiatolás teria sido capaz de competir com um projeto de desenvolvimento conduzido pelos norte-americanos no centro e no norte do Iraque, se os Estados Unidos tivessem garantido a segurança, estimulado a economia e incentivado a vida cultural do país. **MR**

REFERÊNCIAS

1. DOBBINS, James; MCGINN, John G.; CRANE, Keith; JONES, Seth G.; LAL, Rollie; RATHMELL, Andrew; SWANGER, Rachel M.; TIMILSINA, Anga R. *America's Role in Nation-Building: From Germany to Iraq* (Santa Monica: Rand Monograph, 2003), p. 9.
2. *CBC News, Iraq: Casualties in the Iraq war* (atualizado em 5 fev. 2007), disponível em: <www.cbc.ca/news/background/iraq/casualties.html>. É difícil determinar o número exato de baixas de civis iraquianos durante a Operação *Iraqi Freedom*, mas é provável que tenha sido entre 1.000 e 10.000, disponível em: <www.iraqbodycount.org>.
3. BOEHLING, Rebecca. *A Question of Priorities: Democratic Reforms and Economic Recovery in Postwar Germany* (New York: Berghahn Books, 1996), p. 15-40.
4. Consulte GOLDSTEIN, Cora Sol. "A Strategic Failure: American Information Control Policy in Occupied Iraq", na edição em inglês da *Military Review* (March-April 2008): 63; *Capturing the German Eye: American Visual Propaganda in Occupied Germany* (Chicago: University of Chicago Press, 2009).
5. MYERS, Steven Lee "Concerns Mount on Preparedness of Iraq's Forces", *New York Times*, 8 May 2009, p. A1-A19.
6. OTTERMAN, Sharon. *Iraq: Debaathification*, Council on Foreign Relations, 7 abr. 2005, disponível em: <[CFR.org](http://www.cfr.org)>.
7. *Iraq Economic Data* (1989-2003), disponível em: <https://www.cia.gov/library/reports/general-reports-1/iraq_wmd_2004/chap2_annxD.html>; *Iraq Labour Force Analysis 2003-2008*, January 2009, disponível em: <https://www.iauiraq.org/reports/Iraq_Labour_Force_Analysis.pdf>; *Opinion Research Business*, ago. 2007, disponível em: <iraqanalysis.org>.
8. GILDEA, Robert. *Children of the French Revolution: The French, 1779-1914* (Cambridge: Harvard University Press, 2008), p. 106.
9. MAZOWER, Mark. *Hitler's Empire: Nazi Rule in Occupied Europe* (London: Penguin Press, 2008); MORRIS, Craig F. *German Occupation of France 1940-42: Between Armistice and Capitulation?* (Air Command and Staff College, 2006).
10. Essa, por exemplo, foi a opinião expressa em 1940 pelo ilustre historiador francês Marc Bloch, membro da resistência, torturado e assassinado pela Gestapo em 1944, duas semanas antes da libertação de Paris. Consulte FRIEDLÄNDER, Saul. *The Years of Extermination* (New York: Harper Collins Publishers, 2007), p. 178.
11. GILDEA, Robert. *Marianne in Chains: Daily Life in the Heart of France during the German Occupation* (New York: Metropolitan, 2003).